

O GIGANTE E O ANÃO

Morreu fisicamente em Cuba um gigante da história política da humanidade: Fidel Castro não morreu politicamente, por isso mesmo que será lembrado e revivido por muitas gerações como um líder de grande dimensões dentro do processo de evolução da humanidade da barbárie para o socialismo. “Hasta siempre, Fidel”, como disse Dilma Rousseff.

Morreu, aos noventa anos, de morte natural, tendo sido, durante décadas, o alvo principal dos especialistas, profissionais desses assassinatos políticos, que conseguiram matar Bin Laden escondido tão longe mas não lograram eliminar Fidel, tão visado e tão publicamente presente, a poucas milhas de distância.

Na mesmo dia, no Brasil morreu, não fisicamente mas politicamente, um anão, que tentou usar o poder que tinha, usurpado, para defender um projeto imobiliário ilegal, do seu interesse. O nome dele, já não me lembro; sei apenas que foi um daqueles “anões do orçamento” que, anos atrás, protagonizaram um grande escândalo de corrupção na Câmara, manejando verbas do Orçamento da União para projetos do seu interesse. Ocupava agora, como ex-corrupto, um ministério de grande importância do usurpador-mor, que brevemente terá também o seu nome lembrado apenas como golpista.

Desculpem o tom desabrido, que não é da minha linguagem costumeira. Mas estou virando um velho impaciente, repleto de indignação com o que vem ocorrendo no meu País: a PEC do congelamento aprovada, a Petrobras amputada, o pré-sal aberto às multinacionais, o MERCOSUL desarticulado, o ensino médio mudado sem nenhuma discussão pública, o acordo para descriminalizar o caixa dois em andamento, os juros lá em cima e a economia lá em baixo, recessão ainda mais grave em 2017, o Brasil desacreditado no mundo, tudo como queriam os articuladores e financiadores do golpe, escancarando, sem pejo, o motivo real para usurpar o poder da presidenta eleita; nada a ver com combate à corrupção. Custa-me muito mais escrever esses Correios hoje do que em tempos atrás, quando podia com facilidade cultivar meu otimismo visceral e congênito.

Acho que meus amigos acadêmicos deviam agora dedicar mais atenção em seus estudos ao caso de Cuba, que é de uma excepcionalidade gritante: Um país pequeno, insular, de poder militar ínfimo, que resistiu a mais de 50 anos de pressão política e econômica da nação mais poderosa do mundo, que derruba governos pelo mundo afora quando lhe incomodam. Uma presença tão hostil e agressiva, tão próxima e tão forte que chega a ter uma base territorial plantada na própria ilha cubana, onde exerce todo o poder da sua violência, sem nenhuma limitação das próprias leis vigentes no seu território nacional.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 404/2016

Como a revolução cubana pôde resistir a um cerco tão forte, com um bloqueio econômico tão demolidor? Como pôde sua população conviver com um empobrecimento material tão persistente, mesmo com um atendimento exemplar em educação e saúde? Como pôde Cuba atingir níveis de IDH tão elevados e índices de criminalidade tão baixos, com um PIB per capita tão modesto? Se agregarmos ao IDH (de desenvolvimento humano), um componente para medir o consumo de carbono que destrói o ambiente do mundo, Cuba aparecerá como o País mais avançado do planeta (!), aquele que teria, hoje, o mais alto patamar deste índice que mediria o grau de civilização e preservação ambiental.

Eis o enigma que desafia os cientistas políticos e que merece um aprofundado estudo de caso. A ditadura nem de longe o explica, tantos são os casos de derrubada de ditaduras na nossa instável América Latina, quando desagradam o Império do Norte.

Bem, o tema do Correio é este, mas não posso terminá-lo sem registrar o meu luto pessoal pela perda, também na mesma semana, do grande advogado brasileiro que enfrentou brava e eficientemente a ditadura, que foi o amigo e companheiro de tantas lutas, Modesto da Silveira, exemplo de coragem e honradez para a nossa e as futuras gerações.

E, mais recente, um luto mundial que chocou toda a nação brasileira: a tragédia chapecoense, sobre a qual todos nós derramamos nossa tristeza, sem ser preciso dizer qualquer palavra. Uma tristeza que se vai, entretanto, transformando em indignação crescente, à medida em que se vai revelando uma ação criminoso da empresa aérea.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br